

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

LACAN, LEITOR DE SAUSSURE
– O QUE SE TRANSMITE 100 ANOS DEPOIS¹³

Patrícia Alves Ribeiro (UNICAMP)

Bruno Molina Turra (UNICAMP)

bruno.m.turra@gmail.com

RESUMO

Ler Ferdinand de Saussure com Freud. Há cem anos da publicação do *Curso de Linguística Geral* e há cerca de sessenta da primeira publicação lacaniana que aborda as reflexões do mestre genebrino, o que se transmite, ainda? No presente trabalho, buscaremos traçar algumas considerações sobre a leitura que Jacques Lacan realiza da teoria do valor em Ferdinand de Saussure. Se, como afirma o psicanalista francês, Freud antecipa o que Ferdinand de Saussure chamou de relações associativas e sintagmáticas – pensando-as em sua relação com o inconsciente –, acreditamos poder afirmar que Jacques Lacan antecipa Ferdinand de Saussure no que diz respeito à função do sujeito falante no campo da linguagem. Uma antecipação, obviamente, que não é cronológica, mas que se fundamenta na posição da qual se lê o que se transmite. O que lemos em Jacques Lacan da transmissão de Ferdinand de Saussure se aproxima menos do *Curso de Linguística Geral* do que aquilo que pode ser lido nos manuscritos esquecidos na estufa do hotel pertencente à família do linguista e encontrados há apenas 20 anos. Um exercício de leitura que, por não responder a partir da posição do discurso universitário (como Jacques Lacan o formula em 1969-70), lê na barra do algoritmo saussuriano o ponto de sustentação dos lapsos, dos chistes, dos esquecimentos – o lugar para se pensar o sujeito falante. A partir do que sustentamos como uma antecipação lógica (e não cronológica) da leitura lacaniana pode-se afirmar que a não publicação dos anagramas ou de um livro de linguística escrito de próprio punho não impediu o efeito de transmissão de sua palavra. Efeito que se produz não por “comunicação universitária”, mas como o que ressoa quando se fala às paredes. Sendo, tanto Ferdinand de Saussure quanto Freud, instauradores de discursividades, o efeito de sua palavra é o deslocamento de todo um discurso.

Palavras-chave: Saussure. Lacan. Signo linguístico. Valor. CLG.

Neste centenário de publicação do *Curso de Linguística Geral*, em que discutimos a atualidade do pensamento do linguista genebrino para a linguística atual, trataremos de uma leitura em particular, das muitas realizadas ao longo destes cem anos. Escolhemos falar da leitura do psicanalista Jacques Lacan e, desta leitura, o que se pode ler hoje. Se nosso lugar de leitura é o da psicanálise, ou melhor, o do discurso do

¹³ Trabalho apresentado no simpósio “Ferdinand de Saussure e o *Curso de Linguística Geral*: (re)leituras (im)possíveis cem anos depois” do II Congresso Internacional de Linguística e filologia, na Universidade Veiga de Almeida, em 30 de agosto de 2016.

analista, é a história das ideias linguísticas que nos convoca a essa reflexão.

Iniciamos nossa discussão com algumas importantes reflexões produzidas no interior da história das ideias linguísticas no que diz respeito às recepções e heranças (PUECH, 2013) do *Curso de Linguística Geral*. Christian Puech, em diversos trabalhos (2000, 2010, 2013) estabelece fundamentalmente quatro momentos de recepção do livro editado por Bally e Sechehaye em 1916.

Destes, é o terceiro que nos interessa aqui. Para Christian Puech, tal momento inicia-se no pós-segunda guerra, em Nova Iorque, asilo de diversos intelectuais europeus, dentre eles Jakobson, Lévi-Strauss, Ernst Cassirer. É a partir das discussões desse grupo de intelectuais que, em 1945, Ernst Cassirer amplia a noção do termo estruturalismo, em artigo publicado na revista *Word*, onde também publicaram os dois primeiros, fazendo com que o *Curso de Linguística Geral* ganhasse novos leitores. Ainda segundo Christian Puech, é o filósofo Merleau-Ponty quem faz a ponte entre o círculo de Nova Iorque e o velho mundo. Em sua aula inaugural no Collège de France, em 1953, o filósofo, ao questionar o papel da língua e do sentido para a filosofia e para a história, atribui a Ferdinand de Saussure o esboço de uma nova filosofia da história.

É nesse momento de leitura de Ferdinand de Ferdinand de Saussure que se encontra Jacques Lacan. Período que se inicia, como dissemos, com a leitura do *Curso de Linguística Geral* em Nova Iorque e sua retomada, na França, via Merleau-Ponty e se estende até as releituras do *Curso de Linguística Geral* feitas a partir das publicações de Robert Godel (1969), Rudolf Engler (1968-74) e De Mauro (1967), que se caracterizam por uma busca pelo “verdadeiro” Ferdinand de Saussure.

Nesse período de estruturalismo generalizado,

o modo de referência a Saussure apenas se acentuará e radicalizar-se-á: o *Curso de Linguística Geral* não desempenha então seu papel de referência absoluta (uma referência que não é, ela própria, referida), senão através de uma série indefinida de mediações, de leituras de leituras, de prismas disciplinares cujos interesses são infinitamente diversos. (PUECH, 2008, p. 1100 – tradução nossa)

Essa leitura da vulgata saussuriana que caracterizou o estruturalismo, do qual Ferdinand de Saussure é tido como pai, tinha como um de seus axiomas a exclusão do sujeito falante do escopo da linguística, não lendo, no próprio Ferdinand de Saussure, o papel do sujeito falante. Tal

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

maneira de ler o *Cours*, com o sujeito fora do interesse do linguista, lança luz, nos anos seguintes, a teorias que colocam, *en revanche*, o sujeito no centro, como o gerativismo e a sociolinguística (lembremo-nos de Calvet e seu *Pour et contre Saussure*, de 1975), ou mesmo a Análise do discurso. Nesse sentido, a (re)formulação do que se entendia por sujeito falante era pensada por diversos intelectuais nos anos de 1950/60, no que se chamou estruturalismo, tendo a vulgata saussuriana – o sujeito fora da língua – como ponto de partida.

Nesse cenário se instaura a leitura do psicanalista Jacques Lacan, uma leitura cuja especificidade, a nosso ver, foi a de ler no próprio Ferdinand de Saussure o lugar do sujeito. O que buscaremos expor no presente artigo é que tal leitura só pode ser realizada a partir de uma montagem discursiva que Jacques Lacan nomeou de discurso do analista.

Dessa forma, o que nos interessa tratar não é a maneira como a teoria saussuriana afetou a psicanálise lacaniana mas, fundamentalmente, como Jacques Lacan leu Ferdinand de Saussure. Antes, porém, de nos debruçarmos em tal montagem, cabe enfatizarmos dois pontos fundamentais: i. não buscamos propor que a leitura de Jacques Lacan tenha sido além ou aquém de seu tempo, não se trata de uma leitura descolada da produção intelectual da época, trata-se, sim, de uma leitura deslocada; ii. uma leitura a partir do discurso do analista não é uma leitura exclusiva do analista, como explicitaremos a diante.

A primeira referência ao linguista aparece na aula de 23 de junho de 1954, em seu primeiro seminário. Jacques Lacan não a faz senão para atestar a pertinência do texto de Santo Agostinho. De um bom leitor de Quintiliano e Santo Agostinho, Jacques Lacan passa, em 1957, a ter em Ferdinand de Saussure a chave da releitura de Freud:

Porventura não são esses mesmos os três registros [o sonho, o chiste e o ato falho] que foram objeto das três obras primordiais em que Freud descobriu as leis do inconsciente, e onde, se vocês as lerem ou rerelem com esta chave, terão a surpresa de constatar que Freud, ao enunciar essas leis em sua minúcia, só fez formular de antemão as que Ferdinand de Saussure só iria trazer à luz alguns anos depois, abrindo a trilha da linguística moderna? (LACAN, 1998, p. 448)

É nesse mesmo ano que Jacques Lacan escreve “A instância da letra ou a razão desde Freud”, texto em que Jacques Lacan faz um balanço da psicanálise pós-freudiana e da urgência pela releitura de Freud em que se levasse em conta o trabalho com a linguagem, tendo então Ferdinand de Saussure como chave de leitura. Rerler Freud com Ferdinand de Saus-

sure faz saltar aos olhos o trabalho com a linguagem do psicanalista, o trabalho com as relações associativas e sintagmáticas – um exemplo primoroso disso é o caso Signorelli.

É a partir desse momento, então, que observamos na obra de Jacques Lacan uma leitura bastante particular dos textos saussurianos, uma leitura cruzada com Freud, uma leitura pelo avesso. Em suas palavras:

Uma retomada pelo avesso [...] O que isso quer dizer? Ocorreu-me com muita insistência no ano passado distinguir o que está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras. É que sem palavras, na verdade, ele pode muito bem subsistir. Subsiste em certas relações fundamentais. (LACAN, 1969-1970, p. 10-11)

Lembrando-nos que tais relações não se mantêm fora da linguagem, Jacques Lacan formaliza, com o matema do discurso do analista, a posição de todo seu ensino até então – retornar a Freud retomando o fundamento: a incidência da linguagem no sujeito falante, tomando a linguagem como causa.

Jacques Lacan retoma Freud a partir do ponto de virada de sua doutrina, a partir do “Mais além do princípio do prazer”, onde o avesso se apresenta: o gozo – avesso ao sentido, às palavras, ao prazer, a vida. Jacques Lacan legitima o salto que Freud dá do princípio do prazer à pulsão de morte, da repetição do mesmo na cadeia simbólica à repetição de algo estrutural que insiste no sujeito na tentativa de recuperar um objeto desde sempre perdido, de repetir uma experiência mítica de satisfação na busca de um objeto que, alucinado, nunca houve, entretanto, deixou seu rastro. Objeto perdido que Jacques Lacan nomeia como “pequeno a”, na esteira da coisa freudiana, das Ding.

Ding, elemento isolado pelo sujeito na sua experiência com o Outro como “estranho”, algo que num primeiro encontro mítico com o Outro, tesouro do significante, resta como impossível de associar, permanecendo coeso, como coisa, espécie de bloco impenetrável, impossível de simbolizar, pura alteridade. De sua leitura estrutural da mítica freudiana, Jacques Lacan depreende esse elemento como resto que escapa ao simbólico, “o fora-do-significado”, que relança o sujeito em seu ponto de falta constitutiva, causa de todo movimento desejante. Trata-se de um ponto de perda que a linguagem impõe ao falante recuperar e

isso pouco tem a ver com sua fala, com sua palavra. Isso tem a ver com a estrutura, que se aparelha. O ser humano, que sem dúvida é assim chamado por-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

que nada mais é do que o *humus* da linguagem, só tem que se emparelhar, digo, se apalavar com esse aparelho. (LACAN, 1969-1970, p. 53)

É a partir deste ponto inomeável, inapreensível, inconsistente, inquietante, insuportável, que convém tomar a psicanálise. É este "pequeno a" que move seu discurso, é seu agente, seu fundamento, sua causa. Tê-lo como o que põe em marcha um discurso tem suas consequências éticas: a chamada revolução copernicana-freudiana, golpe narcísico na humanidade – o eu não é mais senhor na sua própria casa, a consciência não é mais o princípio regulador exclusivo do pensamento. A realidade, a única a que temos acesso, não passa de uma construção calcada numa alucinação. Está tudo pelo avesso. Toda uma noção de representação cai por terra. A palavra não representa, ela mata a coisa. O pensamento, (e)feito de linguagem, obedece a uma lei Outra que suporta a contradição e é avesso ao princípio do terceiro excluído, isso muda a ordem do saber e o estatuto da verdade. O inconsciente, a descoberta freudiana, é saber que não se sabe, insabido que produz saber, saber do qual se goza.

Jacques Lacan escreve essa ética que comanda a psicanálise com um matema, o do discurso do analista. Sem querer dar "aparência de significar", mas apenas revelar relações estruturais fundamentais, ele escreve quatro fórmulas compostas de quatro lugares, ocupados por quatro termos, letras, que em sua combinação estabelecem quatro discursos: o do mestre, da histérica, da universidade e do analista. Quatro formas de lidar com a causa, com o Outro, com a verdade e com a produção, formas bastante diversas de produção de conhecimento, de construção de saber.

A questão que nos concerne aqui, como já dito, é: em que posição discursiva Jacques Lacan se coloca como leitor de Ferdinand de Saussure? Jacques Lacan lê Ferdinand de Saussure conforme a ética do discurso do analista, não do discurso universitário. O que isso quer dizer?

Em primeiro lugar, devemos considerar que ler a partir de tal ou tal discurso exige do leitor uma relação diferente com o saber e a verdade numa posição e noutra. Na "posição universitária" é o saber que comanda a leitura e trata-se de um saber totalizante, saber-todo, adquirido por acumulação de conhecimento. O leitor obedece ao imperativo do Mestre de tudo-saber e visa alcançar a "Verdade suprema", o "sentido do sentido", sem que nada lhe escape, devendo ser capaz de esgotar os enigmas. Jacques Lacan aponta que isso implica uma distorção que é própria ao discurso universitário pela não aceitação "de algo que tem suas próprias leis" (LACAN, 1969-1970, p. 42), distorção, portanto, da relação com a linguagem, que certamente tem suas próprias leis às quais nos submetem-

mos, às quais somos sujeitados, “Quando digo emprego da linguagem, não quero dizer que a empreguemos. Nós é que somos seus empregados”. (LACAN, 1969-1970, p. 69)

A psicanálise, por sua vez, promove um questionamento radical de todo-saber e da função da verdade, combatendo a ideia de que o saber possa constituir uma totalidade fechada e de que se possa dizer “o verdadeiro sobre o verdadeiro”, ter “a última palavra”, aquela que encerraria em si o significado, uma vez que o “elemento estranho”, o “fora-do-significado”, impede qualquer totalidade, fechamento. Ao contrário, o semidizer é para o psicanalista a lei interna de enunciação da verdade que tem estrutura de ficção, de enigma, e só se pode dizer com meias-palavras. A verdade, não podendo ser dita fora da linguagem e, portanto, submetida à lógica do significante, é um efeito de sentido que emerge justamente de uma queda de saber. Assim, para a psicanálise, na leitura universitária, comandada pelo imperativo superegoico do tudo-saber, a verdade fica silenciada, pois justamente não há queda de saber, cortes, só acumulação, não há deslocamento. O leitor não se deixa atravessar pelo que lê, não se deixa comandar pela leitura, pois é o eu que lê.

Em seu ensino, Jacques Lacan aborda o objeto a por diversos prismas: objeto causa de desejo; efeito de rechaço do discurso; resto da operação de divisão do Outro; o fora do significado; o que escapa ao simbólico; ponto inapreensível que barra o fechamento da estrutura; abertura que faz girar o discurso. Se ler no discurso do analista implica em tê-lo como o agente, o que faz agir a leitura, isso significa pegar a coisa a partir daí. O agente da leitura, o que move, seria justamente o que escapa ao sentido, e o efeito dessa leitura é queda de saber, atirando o leitor na produção de um saber de outra ordem – saber que não se sabe, insabido que produz efeito e do qual se goza.

A verdade não é um dos termos dos discursos, ela não tem consistência, é apenas um lugar ocupado por este saber não-todo, enigma, ficção que ganha corpo, pois foi efetivamente produzido por um sujeito dividido pelo Outro, um sujeito que deu algo de si para produzir seu S_1 , seu significante-mestre, que no discurso do analista corresponde ao traço unário, tomado como sua marca, seu estilo, e é isso que torna esse saber “verdadeiro”, original, inédito.

Em seus manuscritos vemos Ferdinand de Saussure numa posição bastante diferente da que encontramos no *Curso*. No *Curso de Linguística Geral*, vemos uma leitura triangulada, são as anotações dos alunos dos

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

curiosos de Genebra editadas por Bally e Sechehaye, que, vale lembrar, não assistiram aos cursos. Há uma tentativa de síntese explicitada pelos editores no prefácio da obra e que se distancia das hesitações e retornos que lemos nos manuscritos.

É esta posição que interessa a Jacques Lacan, é aí, mais precisamente na pesquisa dos anagramas, onde algo escapa à Ferdinand de Saussure, que Jacques Lacan reconhecerá uma verdade, onde ele lê o fundamental, a essência dupla da linguagem. Assim, Jacques Lacan, por efeito de lê-lo no discurso do analista, retroativamente, antecipa Ferdinand de Saussure. Em a “Instância da letra ou a razão desde Freud”, o psicanalista afirma que sem dúvida aconteceu a Ferdinand de Saussure ter escutado a poesia e nela ter ouvido a polifonia, o que o teria levado a transpor a barra de seu algoritmo em vários sentidos ali comentados por Jacques Lacan.

Ferdinand de Saussure, nos estudos sobre os anagramas, diz ter interrogado o monstro, operando apenas às cegas contra ele, “se amedronta com a coisa”, admite o perigo de sua descoberta: a homofonia pode “ameaçar toda hipótese mais disciplinada”, queda de saber universitário. Nos termos de Jacques Lacan, ao escutar a polifonia, a linearidade que Ferdinand de Saussure postulava como necessária à cadeia significante desmorona. É exatamente o que emerge como efeito desse ponto de tropeço que Jacques Lacan tomará como ponto essencial na construção do saber psicanalítico.

É então a partir desse trabalho de leitura cruzada dos estudos anagramáticos apresentados por Jean Starobinski com o texto estabelecido por Charles Bally e Albert Sechehaye que Jacques Lacan antecipa o Ferdinand de Saussure esquecido na estufa do hotel e descoberto apenas em 1996.

Impressiona como da posição discursiva que encontramos na “Sobre a essência dupla da linguagem” podemos ler em Ferdinand de Saussure formulações muito próximas ao pensamento de Jacques Lacan. É nesse movimento de leitura que esboçaremos, ainda que brevemente, como, partindo da noção de linguagem e língua do próprio Ferdinand de Saussure, Jacques Lacan lê o signo linguístico.

Se, por um lado, o signo linguístico torna possível a constituição da ciência linguística atendendo ao modelo euclidiano, por outro lado, o signo é um ponto crítico da teorização, pois ele “permite dimensionar o que, em Ferdinand de Saussure, está ligado a uma concepção particular

da ciência e o que disso escapa” (MILNER, 2012, p. 56). Certamente é lá, onde isso escapa, que Jacques Lacan se colocará como leitor de Ferdinand de Saussure.

Nos *Escritos de Linguística Geral*, onde o texto descoberto em 1996 foi publicado, o que se evidencia é justamente a dificuldade de Ferdinand de Saussure em situar a linguística no rol das ciências clássicas. Há um “inconveniente fundamental que jamais se suprimirá da língua. Esse inconveniente, nós o apontamos como todos os outros pesquisadores: não há um único objeto material ao qual se aplique exatamente e exclusivamente uma palavra” (SAUSSURE, 2012, p. 38). Portanto, “não há nenhum ponto de partida nem qualquer ponto de referência fixo na língua”. (SAUSSURE, 2012, p. 40)

Vemos aqui dois cortes importantes, especialmente para a psicanálise: a queda do referente e o deslocamento da noção de linguagem como representação.

Ferdinand de Saussure postula então uma “essência dupla da linguagem”: negativa e diferencial.

Jamais se compreenderá o suficiente da essência puramente negativa, puramente diferencial, de cada um dos elementos da linguagem, aos quais atribuímos precipitadamente uma existência: não há nenhum deles, em nenhuma ordem, que possua essa suposta existência [...] para formular de outra maneira, a menos talvez que empurrem os fatos até os limites da metafísica, ou da questão do conhecimento, de que pretendemos fazer plena abstração), ora parece que a ciência da linguagem é colocada à parte na medida em que os objetos que estão diante dela jamais têm realidade em si. (SAUSSURE, 2012, p. 61)

Para Ferdinand de Saussure, portanto, o sentido só se dá no encadeamento dos signos, sendo produzido na cadeia, como efeito desta. Não há sentido prévio, só há efeitos de sentido.

É partindo, então, da dupla essência apresentada por Ferdinand de Saussure e de sua resultante, a teoria do valor, que Jacques Lacan introduz aos psicanalistas o signo saussuriano: significante barra significado. O que é tido pelos psicanalistas como a genial inversão de Jacques Lacan – uma deturpação para os linguistas – para o próprio Jacques Lacan não passa da leitura ao pé da letra: “O signo assim redigido [significante barra significado] merece ser atribuído a Ferdinand Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos” (LACAN, 1998a, p. 500). Jacques Lacan lê em Ferdinand de Saussure a inversão do signo do Cours, mesmo sem que o próprio linguista, como dis-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

se Jacques Lacan, o tivesse proposto. Entretanto, o que escapou aos olhos do psicanalista é que há um momento no terceiro curso de Genebra, mais precisamente a aula de 30 de maio de 1911 (SAUSSURE, 1993, p. 99), ao mostrar o deslizamento de sentido do verbo latino *necare*, em que a inversão aparece e põe em cena justamente isso que Jacques Lacan ressoa: o significado desliza sob o significante.

A formalização saussuriana significante barra significado, diz Jacques Lacan, caracteriza uma diferença em relação às escolas de linguística anteriores: a barra do algoritmo promove um corte inaugural, e podemos dizer epistemológico, introduzido por Ferdinand de Saussure, uma vez que essa barreira de resistência à significação, nos intima a nos livrarmos da “ilusão” de que o significante representa o significado, ilusão esta que “conduz o positivismo lógico à busca do sentido do sentido”. (LACAN, 1998a, p. 501)

A barra só se sustenta, portanto, caso seja mantido o paralelismo apresentado em 30 de maio, mas que não constou do *Curso de Linguística Geral*. Sem tal paralelismo, aponta Jacques Lacan, tem-se a ideia de que o significante representa o significado. Assim, o psicanalista propõe, na *Instância da letra*, uma outra notação que ele diz “exagerar a dimensão incongruente” do signo. Colocando termos paralelos na parte superior – dois significantes – e inferior – dois significados –, ele reintroduz as noções essenciais de diferença, negatividade e valor no signo linguístico. Deste modo, “produz-se a surpresa de uma inesperada precipitação do sentido, na imagem de duas portas gêmeas” (LACAN, 1998a, p. 503). A ilustração de Jacques Lacan serve para “mostrar como de fato o significante entra no significado” (idem, ibidem) e torna mais evidente que são as relações do significante com outro significante que impõe a busca de significação, produzindo efeitos de sentido, produzindo o “efeito Ferdinand de Saussure” – ruptura do significado pelo significante. (LACAN, 2003, p. 414)

Dando à barra do algoritmo sua devida importância, Jacques Lacan mostra como o signo não deve comportar em si nenhuma significação, ele mesmo sendo função do significante, ou seja, exigindo uma cadeia. É aqui que cremos poder dizer que Jacques Lacan antecipa Ferdinand de Saussure. Ao ler o mestre genebrino a partir daquilo que lhe escapava, Jacques Lacan ressoa o que de fundamental – a nosso ver – ensinou Ferdinand de Saussure: a dupla essência não diz respeito à relação entre dois signos. Essa relação é necessariamente quádrupla, ou seja, não há uma anterioridade na relação significante–significado para então haver

a relação entre signos, como podemos observar no signo da diferenciação urinária de Jacques Lacan.

Precisamos esperar até 1996, quando da descoberta dos novos manuscritos de Ferdinand de Saussure, para ler no próprio linguista o que apontou Jacques Lacan. Diz Ferdinand de Saussure em “Sobre a essência dupla da linguagem”:

A primeira expressão da realidade seria (...) só percebe a relação entre duas relações (...). É isso que chamamos de QUATERNION FINAL (p. 39-40, maiúsculas do autor). – e mais adiante um pouco: – Como entender o extremo mal-entendido que domina as reflexões sobre a linguagem? Supõe-se que existem termos duplos que comportam uma forma, um corpo, um ser fonético – e uma significação, uma ideia [...] Dizemos, antes de tudo, [...], que esse ser é quádruplo. (SAUSSURE, 1996, p. 41-42)

Sente-se o efeito da leitura de Jacques Lacan, o que talvez o autorize a afirmar que “em Ferdinand de Saussure mesmo S[ignificante] está acima de s[ignificado], sobre a barra” (LACAN, 1992, p. 40). Ele acrescenta ainda que se isso acontece é porque os efeitos do inconsciente têm suporte nessa barra. É na barra que se sustentam os lapsos, os chistes, os esquecimentos, por exemplo. Portanto, poderíamos pensar, com Jacques Lacan, que a barra inscreve, no signo saussuriano, o falante? Jacques Lacan certamente faz uma leitura de Ferdinand de Saussure atravessada por Freud e vice-versa. “Se não houvesse essa barra, com efeito, nada poderia ser explicado, da linguagem, pela linguística. Se não houvesse essa barra acima da qual há significante passando, vocês não poderiam ver que há injeção de significante no significado”. (LACAN, 1992, p. 40)

Que Freud antecipa Ferdinand de Saussure, só pode ser dito numa temporalidade que faz retroagir uma leitura sobre outra, no só-depois, ou seja, implica um movimento de ressignificação. Portanto, que Freud antecipa Ferdinand de Saussure e que o inconsciente é condição da linguística são dizeres que devem ser tomados como efeito de leitura, da leitura cruzada de Jacques Lacan.

Para o psicanalista, o erro de Ferdinand de Saussure teria sido não ter publicado sua pesquisa sobre os anagramas e isto porque eles vão contra toda descrição universitária da linguagem. Ferdinand de Saussure vê cair por terra toda e qualquer certeza, impondo-lhe uma suspensão do saber. Suspensão que exigiria um ato, mas como Jean Starobinski bem diz, todas as hipóteses são possíveis e “ele não aceita nem recusa”. (STAROBINSKI, 1974, p. 109)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Entretanto, a Universidade não deu a última palavra e pode-se ver a influência de Freud em Ferdinand de Saussure que teria percebido “melhor do que o próprio Freud, aquilo que ele antecipou, em especial a metáfora e a metonímia lacanianas” (LACAN, 2003, p. 404). São as convulsões da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: E. Droz, 1969.

LACAN, Jacques. A psicanálise e seu ensino. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 438-460.

_____. A instância da letra ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a, p. 496-533.

_____. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. Radiofonia. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 400-447.

_____. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Campinas: Unicamp, 2012

PUECH, Christian. L'esprit de Saussure : réception et héritage (l'héritage linguistique saussurien: Paris contre Genève). *Les dossiers de HEL* [supplément électronique à la revue *Histoire Épistémologie Langage*], Paris, SHESL, 2013, no. 3, disponível em: <<http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/puech.pdf>>.

_____. Qu'est-ce que faire l'histoire du « récent » ? Durand J. Habert B., Laks B. (éds.). *Congrès Mondial de Linguistique Française - CMLF'08*, Paris, 2008, p. 1093-1102. Disponível em: <<http://www.linguistiquefrancaise.org>>.

_____. et al. *Histoires des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Troisième cours de linguistique générale (1910-1911)* d'après les cahiers d'Émile Constantin. Org. e trad. por Eisuke Komatsu e Roy Harris. Language & Communication Library, 1993.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Curso de linguística geral*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. *Cours de linguistique générale*. Édition critique préparée par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1986.

_____. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler. T. I. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989.

_____. Sobre a essência dupla da linguagem. In: BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf. (Eds.). *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012, p. 19-80.

STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras*, os anagramas de Ferdinand de Saussure. São Paulo: Perspectiva, 1974.